

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS**

**Ingrid Christine Cramer Nunes Steigleder**

**PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA INGLESA: CONCEPÇÕES E  
PRECONCEITOS**

Porto Alegre

2014

**INGRID CHRISTINE CRAMER NUNES STEIGLEDER**

**PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA INGLESA: CONCEPCÕES E  
PRECONCEITOS**

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção  
do título de Licenciada em Letras

**Orientadora: Profa. Dra. Simone Sarmento**

Porto Alegre

2014

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu pai que sempre me apoiou a realizar meus sonhos, independentemente do quão distantes eles estivessem ou do quanto eu fosse demorar para alcançá-los.

À minha mãe por sempre me apoiar e torcer por mim.

Ao meu noivo por sua paciência e apoio ao longo de todo esse percurso e, em especial, no final, quando tudo pareceu mais complicado.

À professora e orientadora Simone pela inspiração de suas aulas e por sua orientação para que este trabalho pudesse ser concretizado.

Aos meus amigos que tiveram paciência para entender os diversos nãoos que receberam e a minha ausência ao longo desses anos de faculdade, enquanto eu tentava fazer tudo ao mesmo tempo.

Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão  
uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe  
faltasse uma gota.

*Madre Teresa de Calcutá*

## RESUMO

Através da experiência da autora com o ensino de inglês foram delimitadas algumas perguntas referentes à descrença dos alunos quanto ao que sabem de inglês ou quanto ao inglês que falam. Visando responder tais questionamentos, partiu-se das diferentes concepções de proficiência e do reforço negativo dado pela mídia para o inglês falado pelos brasileiros. Inglês esse, que embora seja generalizado, analisado e julgado como uma única língua, é, na verdade, mais de uma. Surgem, então, termos como Língua Franca, Língua Estrangeira, Língua Adicional e Língua Internacional para caracterizar a existência de um inglês que não é falado por nativos. O desconhecimento de tal conceito e o reconhecimento da existência de diferenças entre falantes, contextos e funções acabam por gerar expectativas inalcançáveis e, posteriormente, frustrações nos falantes que não falam inglês como primeira língua. Falantes, de acordo com as ideias de Rajagopalan (2004), do World English, uma língua que pertence a todos que a falam, mas que é nativa de ninguém. Além das frustrações que a busca por um inglês ideal deixa nos alunos, há também as frustrações do professor não-nativo de inglês, que podem ser reconhecidas na síndrome do impostor (BERNAT, 2008), uma vez que há uma sensação evidente de fracasso em algum ponto da carreira daquele que deve ser julgado um perito em uma língua que lhe foi ensinada como estrangeira. Para finalizar, um questionário foi aplicado e analisado confirmando a insegurança daqueles que lidam com o idioma profissionalmente e as expectativas que são assimiladas por todos e acabam influenciando a forma como avaliamos nosso próprio conhecimento, em comparação com os preconceitos já culturalmente estabelecidos a respeito do inglês.

Palavras-Chave: Inglês, Proficiência, World English, Síndrome do Impostor, Ensino de Inglês, Preconceito.

## **ABSTRACT**

Based on the experience of the author as an English teacher, some questions were delineated regarding the disbelief of the students in relation to what they know regarding the English language or about their level of proficiency. In order to answer such questions, different conceptions of proficiency and the negative reinforcement given by the media to the English spoken by Brazilians were researched. English, that although generalized, analyzed and judged as a single language, is actually more than one. Thus, terms like English as a *Língua Franca*, a Foreign Language, an Additional Language, and English as an International Language arise to characterize the existence of an English language that is not spoken by natives. The ignorance of the existence of these concepts and the recognition of differences between speakers, contexts and roles eventually generate unreachable expectations and subsequently frustrations in speakers who do not speak English as their first language. According to the ideas of Rajagopalan (2004), these people are speakers of World English, a language that belongs to everyone who speaks it, but it is native to no one. Besides the frustrations that the search for an ideal English causes in the students, there is also the frustration of non-native English teachers. This frustration can be recognized as belonging to the impostor syndrome (BERNAT, 2008); since there is an evident sense of failure at some point of their career due to the fact they should be judged as experts in a language they have been taught as being a foreign one. Finally, a questionnaire was administered and analyzed confirming the insecurity of those who deal professionally with the language and the expectations that are assimilated by everyone and ultimately influence how we evaluate our own knowledge, in comparison with the already culturally established prejudices about English.

Keywords: English Proficiency, World English, Impostor Syndrome, English Teaching, Prejudices.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Identificação dos sexos dos participantes .....	26
Figura 2 – Identificação da faixa etária dos participantes .....	26
Figura 3 – Identificação da escolaridade dos participantes .....	27
Figura 4 – Identificação da ocupação dos participantes .....	28
Figura 5 – Pergunta – Em que tipo de instituição você já estudou inglês formalmente? .	30
Figura 6 – Pergunta – Por quanto tempo você estudou inglês? .....	31
Figura 7 – Pergunta – Como você quantificaria o inglês que sabe? .....	32
Figura 8 – Identificação das palavras mencionadas pelos participantes ao comentarem sua percepção sobre o conhecimento que possuem .....	35
Figura 9 – Pergunta – O que é ser proficiente em uma língua para você? .....	37

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>2 MOTIVAÇÕES</b> .....	09
<b>3 CONCEPÇÕES DE PROFICIÊNCIA</b> .....	11
<b>4 REFORÇO MIDIÁTICO</b> .....	16
<b>5 O INGLÊS QUE (NÃO) FALAMOS</b> .....	19
5.1 WORLD ENGLISH .....	20
5.2 PROFESSORES NÃO NATIVOS E SUA AUTO-IMAGEM .....	22
<b>6 METODOLOGIA</b> .....	25
6.1 PERFIL .....	25
<b>7 RESULTADOS</b> .....	29
7.1 CONHECIMENTOS DE INGLÊS E AUTOAVALIAÇÃO .....	30
7.2 ANÁLISE DE DADOS .....	32
7.3 ANÁLISE DOS TEXTOS: DESMITIFICANDO O INGLÊS .....	35
7.4 PROFICIÊNCIA .....	36
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	38
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	40
<b>APÊNDICE</b> .....	42

## 1 INTRODUÇÃO

O mundo globalizado da atualidade transformou o inglês em língua universal. Pessoas em diferentes áreas se comunicam através do inglês, mesmo tendo outras línguas maternas. Diversas são as situações em que somos submetidos ao inglês em nosso cotidiano, seja através dos estrangeirismos, que vão desde vitrines até falas de novelas, ou produtos estrangeiros, como equipamentos eletrônicos e filmes MADE IN THE USA. E mesmo com todo esse contato e essa necessidade, muitos de nós, quando questionados, alegamos nada saber de inglês.

E, se, ocasionalmente, achamos que sabemos um pouco, somos informados através da mídia que nosso inglês é muito ruim ou que não sabemos falar inglês. No último ranking internacional divulgado pela EF - Education First, chamado EF EPI<sup>1</sup>, o Brasil aparece na 38ª posição entre os 63 países participantes e a sua faixa é considerada aquela ocupada por países onde a proficiência em língua inglesa é baixa. Em casos mais extremos, esse inglês tão ‘mal falado’ chega a virar motivo de riso, como aconteceu com o técnico de futebol Joel Santana, que até hoje é lembrado não pela campanha da seleção que treinou, mas pelas entrevistas que deu em inglês, em especial, durante a Copa das Confederações da África do Sul.

Mas que inglês é esse que falamos? Ou que não falamos? Por que confiamos tão pouco nele? Qual o papel da escola nessa história? E o professor de inglês como fica em meio a tudo isso?

Esses são alguns dos questionamentos que este trabalho visa abordar para que possamos entender um pouco melhor a presente situação do inglês em nosso país. Dessa forma, esperamos contribuir para estarmos mais aptos a buscar novos caminhos no que diz respeito ao ensino dessa língua, sem deixar que a sombra de antigos problemas nos acompanhem.

---

<sup>1</sup> Levantamento disponível em: <<http://www.ef.com.br/epi/>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

## 2 MOTIVAÇÕES

Como professora, tenho estado em contato com a língua inglesa na última década e, durante esse tempo, tenho visto muitos alunos de diferentes classes sociais, faixas etárias e áreas de atuação profissional dizendo que nada sabem sobre a língua que pretendem estudar. Isso acontece mesmo nas situações em que eles já tenham tido contato com inglês na escola por muitos anos, por exemplo.

Como justificativa para tais alegações, a baixa qualidade da educação no que se refere à língua inglesa é um assunto comumente abordado, especialmente, em relação às escolas públicas. Embora seja importante salientar que, ao contrário do que muitas pessoas podem pensar, principalmente aquelas que estão mais distantes do ambiente escolar, algumas mudanças iniciais nesse cenário já estão sendo vistas, e devem ser consideradas, tais como a implementação dos livros didáticos de língua inglesa<sup>2</sup> e diretrizes curriculares como os Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul<sup>3</sup>, por exemplo.

Ainda em relação aos testemunhos dos alunos, o mais negativamente incrível é o quão contraditórios eles podem ser. Afinal, se pensarmos que o inglês está presente em nosso cotidiano, é muito improvável conhecermos alguém que realmente não tenha tido contato algum com essa língua, mesmo que fora da escola. Esse contato é o que possibilita que esses mesmos alunos estejam aptos a, por exemplo, identificar em que língua um texto está escrito, se ele estiver em inglês, mas não consigam fazer o mesmo com a maioria das outras línguas, pelo menos não sem uma grande margem de dúvida.

Essa realidade de descrença em próprios conhecimentos de inglês pode ser facilmente encontrada nos alunos que se iniciam nos cursos de inglês, mas também a experienciei no primeiro dia do meu estágio de docência em uma escola estadual, localizada em um bairro de

---

<sup>2</sup> Informações sobre o Programa Nacional do Livro Didático disponíveis em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=66&id=12391&option=com\\_content&view=article](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=66&id=12391&option=com_content&view=article)>.

<sup>3</sup> Informações e material para download disponíveis em: <[http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/refer\\_curric.jsp?ACAO=acao1](http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/refer_curric.jsp?ACAO=acao1)>.

classe média da cidade de Porto Alegre, ensinando adolescentes do 8º ano que estavam tendo inglês pelo segundo ano.

Os alunos desse 8º ano foram, então, desafiados a responderem questões simples relacionadas a um texto que estava completamente em inglês, sem ser permitido usar dicionários. De acordo com a tarefa, eles precisariam ativar conhecimentos prévios, identificando palavras que fossem fáceis. Primeiramente, eles ficaram desesperados pensando que nunca estariam aptos a realizar tal tarefa, simplesmente por julgarem que o inglês não era uma língua que fazia parte de suas vidas. Entretanto, conforme a aula foi acontecendo, foi incrível ver o quão orgulhosos eles ficaram por causa de um conhecimento que nem sabiam que tinham.

Encontrei a mesma resistência inicial em outro estágio de docência, quando lancei um desafio semelhante aos alunos do 9º ano de outra escola da cidade de Porto Alegre, mesmo que dessa vez tenha autorizado o uso do dicionário em situações pontuais. Novamente, pareceu-me, de maneira geral, que falta aos alunos estímulo suficiente para acreditar que são capazes de lidar com material autêntico em inglês sem a necessidade de traduzir todas as palavras, utilizando apenas estratégias de compreensão, associações e os conhecimentos que já possuem, pois, ao final da atividade, os alunos sempre demonstram satisfação, uma vez que a tarefa foi mais fácil do que puderam prever.

Infelizmente, poucas pessoas terão a chance de verificar seus conhecimentos através de desafios como esses alunos tiveram e seguirão acreditando que nada sabem de inglês até que por ventura tenham a oportunidade de estudar formalmente em um curso de língua e, ainda assim, manterão certos questionamentos sobre seu nível de proficiência. Nesse sentido, tais experiências me fizeram considerar a importância de investigar o que é proficiência, a ideia de proficiência em inglês que as pessoas geralmente têm e as razões pelas quais essa ideia de saber nada sobre a língua é formada. Essa investigação tem como objetivo unir-se a e fortalecer um conjunto de concepções que visam mudar essa concepção equivocada tão amplamente aceita e repassada em nosso país.

### 3 CONCEPÇÕES DE PROFICIÊNCIA

Uma das razões pelas quais as pessoas acreditam que nada sabem de inglês está relacionada ao entendimento que se tem do que é proficiência de maneira geral.

O termo proficiência por si só poderia ser definido tanto pelas origens como por uma entrada no dicionário. Sua origem vem do Latim ‘proficere’, em que *pro-* significa em favor de e *facere* significa fazer. Considerando essa origem, ser proficiente, significaria originalmente como habilitado a fazer algo. Se você é proficiente, você está apto a fazer algo muito bem por causa de treinamento e prática.

Já de acordo com o dicionário Aurélio, proficiência é o cabal conhecimento com que se executa ou discute alguma coisa. O termo proficiente estaria, então, associado à competência, capacidade, experiência, conhecimento e um grande número de palavras semelhantes que poderiam ser mencionados para ilustrar a ideia, mas nenhuma delas daria à palavra o significado que o termo proficiência carrega sobre a ideia de ser proficiente em uma língua.

Proficiência é um conceito comum e aparentemente simples. De acordo com Chastain<sup>4</sup> (1989, p. 48 apud MARTINS, 2013, p. 50) “o termo parece fazer parte daquela categoria de palavras que são usadas frequentemente sem uma atenção em relação ao seu significado exato”. Embora negligenciado por sua banalidade, o termo mudou muito nas últimas décadas em função de diferentes teorias. O que significa que devemos prestar especial atenção a ele.

Schoffen (2009), em sua tese de doutorado dedica a primeira seção de seu capítulo inicial para descrever brevemente o histórico de proficiência em língua estrangeira<sup>5</sup>. De acordo com a autora, aquela que é provavelmente a primeira definição de proficiência originou-se do estruturalismo, escola que primeiramente preocupou-se em buscar tal definição. De acordo com Vollmer<sup>6</sup> (1983 apud SCHOFFEN, 2009, p.16), “[...] durante muito tempo os estudos

---

<sup>4</sup> CHASTAIN, K. The ACTFL proficiency guidelines: a selected sample of opinions. **ADFL Bulletin**, New York v. 20, n.2, p. 47-51. Jan. 1989.

<sup>5</sup> Termo utilizado pela autora. Os termos “língua estrangeira” e “língua adicional” serão utilizados neste trabalho de forma intercambiável.

<sup>6</sup> VOLLMER, H. J. The structure of foreign language competence. In: HUGHES, A.; PORTER, D. **Current Developments in Language Testing**. London: Academic Press Inc., 1983

linguísticos aceitaram, sem grande discussão, que ser proficiente em uma língua significava conhecer os seus elementos e ter automatizado diferentes formas de colocá-los em uso”. Ainda que essa definição possa parecer antiquada em um primeiro momento, é importante que se considere o quão presente ela ainda pode estar no ensino da língua inglesa, uma vez que reconhecer e analisar diferentes elementos da língua, em outras palavras, o foco na gramática, é uma das mais recorrentes tarefas sugeridas aos alunos nas escolas regulares durante o ensino. Para agravar a situação, tal análise, muitas vezes, acontece isoladamente e fora de contexto, transformando a língua em uma lista de nomes, que deve ser memorizada, sem real significado para o aluno.

Em 1972, a sociolinguística trouxe um novo conceito, o de Competência Comunicativa nomeado por Hymes. Para Hymes<sup>7</sup>, (1972 apud SCHOFFEN, 2009, p.18), “competência seria a habilidade para usar a linguagem.” De acordo com esse conceito, para haver interação não bastaria somente o conhecimento formal apurado da língua, mas o conhecimento contextualmente apropriado da mesma. Sendo assim, para ser, de fato, proficiente em uma língua, o indivíduo precisaria ser proficiente em seu uso, ainda que esse uso possa não ser o uso padrão. Desta maneira, a sociolinguística coloca a língua em um contexto, priorizando a comunicação.

Partindo do paradigma da Competência Comunicativa, duas hipóteses foram criadas: Oller<sup>8</sup> (1979) defendeu a ideia de uma proficiência unitária, em que as habilidades não seriam divisíveis e, portanto, a proficiência precisaria ser vista como um traço global, resultado da soma de todas as habilidades. Farhady<sup>9</sup> (1982), no entanto, contestou esse tipo de proficiência, defendendo a ideia de que diferentes circunstâncias poderiam levar a um melhor aprendizado de determinadas habilidades. (OLLER, 1979; FARHADY, 1982 apud SCHOFFEN, 2009, p.19). Através dessa última concepção, poderíamos entender porque, embora reconhecidamente proficientes em uma língua, alguns alunos apresentariam maiores dificuldades em dada habilidade do que em outras, por exemplo.

---

<sup>7</sup> HYMES, D. H. On Communicative Competence. In: PRIDE, J. B., HOLMES, J. (Org.) **Sociolinguistics**. Harmondsworth: Penguin, 1972.

<sup>8</sup> OLLER, J. W. **Language Tests at School: A pragmatic approach**. London: Longman Group Ltd., 1979.

<sup>9</sup> FARHADY, H. Measures of language proficiency from the learner’s perspective. **TESOL Quarterly**, Virginia, v. 16, n. 1, p. 43-59, 1982.

Já para Widdowson<sup>10</sup> ser proficiente em uma língua adicional vai além do fato de simplesmente possuir as habilidades mencionadas por Oller e Farhady. De acordo com o autor, “o que um falante precisa para ser proficiente não é somente conhecer o sistema abstrato da língua, mas saber como usá-la adequadamente em determinada situação” (1991 apud SCHOFFEN, 2009, p. 20). Segundo essa ideia de proficiência, a comunicação precisaria ser o propósito para o desenvolvimento das habilidades e não o código. A falta de objetivos talvez seja o motivo pelo qual os alunos tenham a tendência a uma auto avaliação tão negativa quanto ao que sabem da língua inglesa. As habilidades até poderiam ser analisadas isoladamente, mas o importante seria usar tais habilidades para estabelecer comunicação e, dessa forma, seria impossível, isolá-las.

Analisando todos esses conceitos, é facilmente identificável que a ideia de proficiência mudou muito, mas Scaramucci (2000) defendeu a ideia de que o problema não está na definição de proficiência em si, que, como podemos perceber, foi se contrapondo e se complementando ao longo dos anos. De acordo com a autora (SCARAMUCCI, 2000, p. 16), “as divergências maiores não residem na interpretação do termo proficiência, mas nas concepções ‘do que é saber uma língua’ que o termo representa”. Analisando com mais profundidade a ideia que a autora apresenta, é possível concluir que, embora o termo proficiência tenha sofrido diversas transformações e inúmeras contribuições tenham sido trazidas, o pensar sobre o que saber uma língua representa, de fato, também precisa ser repensado. E, talvez, esteja aí, de fato, o problema das noções que os alunos têm sobre o que sabem de inglês, pois é preciso compreender melhor a ideia do que seja saber uma língua.

De acordo com Brown<sup>11</sup>, “domínio é proficiência global em uma língua, competência geral em todas as habilidades de uma língua”. (BROWN, 2000, p. 385). A partir de interpretações dadas a concepções como essa do autor, acredita-se que uma pessoa que é proficiente em uma língua sabe tudo sobre qualquer aspecto, sendo proficiente para usar a língua em todo e qualquer diferente contexto que o cotidiano puder demandar. Considerando esse entendimento como adequado, uma pessoa não seria proficiente nem mesmo em sua primeira língua, uma vez que ninguém está completamente apto a usar a língua apropriadamente com todos os grupos que reconhecidamente falam a mesma língua e em todas as diversas situações que podem se

---

<sup>10</sup>WIDDOWSON, H. G. **O Ensino de Línguas para a Comunicação**. Tradução de José Carlos P. de Almeida Filho. Campinas: Pontes, 1991.

<sup>11</sup> Essa e as demais traduções são de minha autoria. No original “domain is overall proficiency in a language – general competence in all skills of a language”

apresentar, especialmente porque há uma grande variedade de aspectos dentro de uma mesma língua.

De entendimentos como esse a respeito do que é proficiência, surgem noções distorcidas e preconceitos que, no caso dos brasileiros, permeiam o inglês e o próprio português, tais como o seguinte questionamento: ‘como é que eu vou falar inglês, se não sei falar nem português?’ E tais noções acabam por influenciar negativamente o aprendizado de ambas as línguas.

De acordo com tal impossibilidade de se dominar uma língua em todos os contextos e em diferentes grupos, já no fim do século XX, Clark (2000) defendeu a ideia de que a linguagem é usada para fazer coisas. Nesse contexto, a linguagem, de acordo com o autor, é uma ação executada por um grupo de duas ou mais pessoas atuando em coordenação entre si. Conforme essa concepção, para ser proficiente em uma língua, a pessoa precisaria saber como usá-la apropriadamente em um meio específico, que pode variar consideravelmente, tendo em vista diferentes interlocutores e objetivos. Esse conceito desenvolveu um entendimento de língua pautado em suas dimensões comunicativas, pois ele considera a língua uma ação real posta em prática por pessoas reais, que precisam ser sempre consideradas.

Seguindo os Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul, as concepções que o termo proficiência carrega e, conseqüentemente o entendimento que as pessoas têm sobre proficiência deveriam ser revistos. De acordo com o documento, é necessário “rever o conceito de proficiência absoluta em uma língua adicional para uma perspectiva de proficiência para usar e saber dizer que usou determinadas habilidades, recursos para fazer coisas no mundo.” (SCHLATTER E GARCEZ, 2009, p. 160).

Se proficiência deveria ser um conceito entendido como “saber fazer algo”, os alunos de determinada língua deveriam ser levados a usar a língua em uma situação específica e com um grupo específico de pessoas para alcançar determinado objetivo, sendo então proficientes para executar tal tarefa, ainda que não estejam aptos a executarem outras tarefas em contextos distintos.

Essa noção recente de proficiência, se considerarmos que o termo já vem sendo estudado há décadas, significa que as pessoas podem, de fato, ser proficientes para realizar tarefas específicas. A questão é que tarefas são frequentemente julgadas como simples e específicas demais e devido à sua simplicidade e especificidade, os falantes não se consideram proficientes,

por não saberem o todo da língua, e conseqüentemente acabam por minimizar seu próprio conhecimento, dizendo que nada sabem, quando, na verdade, não estão cientes de quantas tarefas diferentes já são capazes de executar com o que julgam ser nada.

## 4 REFORÇO MUDIÁTICO

Se há um mal-entendido amplamente espalhado sobre proficiência inglesa no nosso país, é necessário considerarmos as razões por trás disso. Uma possível explicação está no reforço que a mídia traz para a ideia da falta de proficiência.

Em uma rápida pesquisa na internet sobre proficiência dos brasileiros em inglês, é possível encontrar um grande número de sites trazendo títulos, tais como: “Os brasileiros falam mal o inglês<sup>12</sup>”, “Brasileiros falam inglês de qualidade muito baixa<sup>13</sup>” e “Brasileiros não sabem falar inglês<sup>14</sup>”. Essas são ideias também amplamente divulgadas em nosso país e que influenciam negativamente na confiança dos estudantes, reforçando a concepção de que eles nada sabem, já que é mais seguro afirmar uma total falta de conhecimentos do que arriscar-se a ser ridicularizado por ter um inglês reconhecidamente tão ruim.

Um exemplo dessa ridicularização tão temida e muito conhecida foi a entrevista concedida por Joel Santana em 2009<sup>15</sup> durante a Copa das Confederações na África do Sul, quando o técnico representava a equipe dona da casa. O episódio, lembrado ainda hoje como motivo de piada para muitos, não motivou as pessoas a buscarem entender as razões e motivações para que o técnico estivesse se comunicando em língua estrangeira. Menor ainda foi o número de pessoas que lembraram a importância da iniciativa do técnico, que estava se comunicando, apesar das dificuldades. A preferência foi por torná-lo motivo de riso e de comparações. A explicação para tal comportamento apontado por Assis-Peterson e Cox (2013), seria de que “O inglês do Joel revela uma competência mínima, mas a ridicularização e as críticas que pairam sobre ele são a expressão cabal de quem não consegue pensar a aprendizagem de línguas fora do esquadro da competência máxima.” (ASSIS-PETERSON E COX, 2013, p. 164). Ou seja, voltamos ao fato de que as pessoas entendem que saber uma língua é saber tudo de tudo, é dominar todas as regras e as habilidades, quando na realidade, proficiência deve ser um termo sempre relacionado

---

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/0/brasileiros-falam-mal-o-ingles-278934-1.asp>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

<sup>13</sup> Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/10/121024\\_ingles\\_brasil\\_rp.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/10/121024_ingles_brasil_rp.shtml)>. Acesso em: 30 jun. 2014.

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/emprego/brasileiros-nao-sabem-falar-ingles- apenas-5-dominam-idioma-6239142>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8A60mdQn1Rc>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

ao uso, à comunicação. Então, embora com uma competência mínima, Joel Santana usou o conhecimento que possuía para se comunicar. E o fez porque seus jogadores pediram que ele o fizesse, pois preferiam isso ao uso do tradutor, devido ao sentimento, que somente o treinador poderia transmitir nas instruções à sua equipe. Afinal, estamos falando de língua e língua é mais do que somente um conjunto de palavras, mas essa é a parte da história que poucas pessoas buscaram saber.

O grande problema dessas generalizações na mídia sobre o inglês falado pelos brasileiros está no fato de que, além de não considerarem a ideia de competência mínima para o idioma, elas são baseadas em rankings que não levam em consideração que as análises são feitas com um pequeno grupo de pessoas, nem sempre com uma amostragem estatisticamente relevante e criteriosa, de acordo com parâmetros nem sempre claros e coerentes e com base em definições específicas de proficiência, que podem variar de acordo com o construto do teste aplicado para obter os dados. Isso pode ser visto nos rankings anuais divulgados pela EF. Além de o teste não apresentar uma amostra estatisticamente válida (não é feita nenhuma estratificação social, etária, por escolaridade, e nem mesmo são consideradas diferenças no tamanho da população entre os diferentes países; ver, EF, 2014<sup>16</sup>); os respondentes nem mesmo sabem que o fato de estarem na frente da tela do computador, provavelmente em casa, será usado como amostragem para pesquisa, o que fere um princípio básico da ética na pesquisa. Já os resultados desses rankings são impostos ao país todo – as matérias sugerem que os brasileiros de uma forma geral não falam inglês. Há também o fato de que as generalizações trabalham como uma ferramenta de desmotivação para os alunos que, ocasionalmente já se sentem menos confiantes sobre o que sabem em relação à língua, uma vez que eles talvez não a dominem tão bem, da forma como imaginam que uma língua deva ser dominada.

O problema da falta de autoconfiança reforçada pela mídia não fica restrito apenas aos que estão aprendendo as primeiras lições sobre a língua, mas também influencia os alunos de outros níveis – e até aqueles que trabalham com o idioma diariamente –, devido ao risco de falhar, aliado ao fato de que os brasileiros tendem a considerar que a proficiência só é alcançada quando uma pessoa aprende a falar como um nativo no que diz respeito à gramática, vocabulário e pronúncia. Essa preocupação excessiva com a perfeição, tida como a variedade falada por nativos (sem nem mesmo considerar que nativos estão sendo tratados), tem sido apontada por muitos linguistas como ilógica, já que há inclusive o reconhecimento de um inglês falado

---

<sup>16</sup> Levantamento disponível em: <<http://www.ef.com.br/epi/>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

internacionalmente e multilíngue, que condiz plenamente com a era de globalização em que vivemos e com conceitos contemporâneos de língua e proficiência.

## 5 O INGLÊS QUE (NÃO) FALAMOS

O pressuposto de que a língua inglesa é utilizada por todos, não somente pelas pessoas que nasceram em países onde ela é a principal língua utilizada já é senso comum, tanto que é usual ouvirmos ou lermos reportagens afirmando a importância de se saber o inglês atualmente. A pergunta, no entanto, é: que inglês é esse que devemos, ou melhor, que iremos, inevitavelmente, aprender?

Diversos estudos abordam as diferenças do inglês falado por indivíduos que o têm como primeira língua em comparação com o inglês falado por aqueles indivíduos que não o falam como sua língua materna. Essas diferenças devem-se às suas variadas funções, contextos e, claro, aos seus falantes e foram importantes para que houvesse o reconhecimento de que o inglês, na realidade, pode, e deve, ser encarado como heterogêneo. De acordo com tais estudos surgiram diversas nomenclaturas, tais como: inglês como língua estrangeira, língua adicional, língua franca, língua internacional. Então, é importante entendê-las um pouco.

De acordo com Friedrich & Matsuda<sup>17</sup> (2010 apud JORDÃO, 2014, p. 16) seria importante ressaltar que o inglês enquanto língua franca não poderia ser considerado como uma variante linguística, pois seria como admitir a existência de uma variante em situações internacionais. Esse inglês, segundo os autores, faria referência ao uso da língua em diferentes contextos, devendo, então, ser visto como uma diferente função do inglês para diferentes culturas. Sendo assim, o inglês, enquanto língua internacional, seria uma sub-função do inglês enquanto língua franca, sendo usado por pessoas que não possuem a mesma primeira língua. Já os termos língua adicional e língua estrangeira seriam voltados exclusivamente para o contexto de ‘aquisição’.

Já para Jenkins, Cogo & Dewey<sup>18</sup> (2011 apud JORDÃO, 2014, p.17), inglês como língua franca implicaria no aprendizado do inglês como língua adicional e nesse sentido, até mesmo os falantes nativos da língua inglesa precisariam aprendê-la. Para os autores, inglês como língua estrangeira apareceria na perspectiva dos não-nativos comunicando-se com nativos e tentando

---

<sup>17</sup> FRIEDRICH, P.; MATSUDA, A. When Five Words Are Not Enough: a conceptual and terminological discussion of English as a lingua franca. **International Multilingual Research Journal**, v. 4, n. 1, p. 20-30, 2010.

<sup>18</sup> JENKINS, J.; COGO, A.; DEWEY, M. Review of Developments in Research into English as a Lingua Franca. **Language Teaching**, Cambridge, v. 44, n. 3, p. 281–315, 2011.

aproximar-se ao máximo destes últimos. No paradigma “língua estrangeira” haveria a concepção de déficit, enquanto no paradigma “língua franca” a diferença nativo x não-nativo seria apenas uma característica não destacada.

Inglês como língua franca é usado por Jordão (2014, p.19), assim como por outros autores, em detrimento ao termo inglês como língua estrangeira, pois, nessa leitura, haveria uma desconstrução das relações de poder entre falantes nativos e não-nativos. Os falantes não-nativos teriam autonomia para tomar posse e reinventar a língua, que deveria ser reaprendida por aqueles que a tinham como língua materna, já que não seria mais a língua outrora dominada por eles, desmitificando a necessidade de que para se falar inglês corretamente, deveria falar-se como um nativo. De acordo com Jordão, “posicionar o inglês como língua franca constitui-se em uma tentativa de retirá-lo da normatividade centralizadora dependente das regras estabelecidas pelos falantes nativos” (JORDÃO, 2014, p. 22) O inglês como língua franca seria, então, uma língua estrangeira para todos os seus usuários e, portanto, deixaria todos os seus falantes em igualdade.

Embora ainda haja divergências sobre o fato de o inglês enquanto língua franca ser uma língua, variedade ou variante independente, a partir dessa noção que diferencia o inglês falado por nativos do inglês falado por não-nativos, outros linguistas fortificaram essa concepção de língua franca.

## 5.1 WORLD ENGLISH

Essa língua franca, de acordo com Rajagopalan, seria o World English, embora o autor opte por não utilizar tal nomenclatura, e “teria como traço definidor o seu hibridismo em um nível sem precedentes.” (RAJAGOPALAN, 2009, p. 189)<sup>19</sup>. Tal hibridismo se deveria ao fato de que o World English não ficaria restrito a um espaço ou nacionalidade, sendo influenciado por diferentes culturas e idiomas. Essa língua é mencionada pelo mesmo autor da seguinte maneira: “World English pertence a todas as pessoas que o falam, mas não é a língua materna de ninguém.” (RAJAGOPALAN, 2004, p. 111)<sup>20</sup>. Nesse contexto, Rajagopalan ressalta o fato de

---

<sup>19</sup> No original: “its defining trait is hybridity at an unprecedented level.”

<sup>20</sup> No original: “World English (WE) belongs to everybody who speaks it, but it is nobody’s mother tongue”

que mesmo falantes nativos do inglês não seriam nativos do World English e, portanto, precisariam aprendê-lo, assim como aqueles que não falam inglês primordialmente.

O inglês alcançou o nível de língua internacional por causa dos seus falantes nativos, mas é memorável que atualmente a língua esteja mundialmente espalhada e tenha sofrido constantes transformações devido aos seus falantes não-nativos, que se apropriaram dela. Assis-Peterson e Cox mencionam que “Ao se desenraizar, reterritorializa-se no espaço da modernidade-mundo, instituindo-se como bem simbólico a ser apropriado, manipulado, deformado pelos falantes dos quatro cantos do planeta.” (ASSIS-PETERSON E COX, 2013, p. 154).

Essa língua, depois de apropriada e modificada e já não sendo a língua nativa de ninguém, não pode mais ser tomada pelo inglês padrão, pois “a língua inglesa que circula no mundo, que serve de meio de comunicação entre os diferentes povos do mundo hoje, não pode ser confundida com a língua que se fala nos Estados Unidos, no Reino Unido, na Austrália ou onde quer que seja” (RAJAGOPALAN, 2005a, p. 150-151).

Com base em tal concepção, é necessário que haja uma transformação, não somente na forma de ensinar inglês, mas também e, principalmente, nos métodos que servem para medir a proficiência de um aprendiz da língua inglesa. Seguindo esse mesmo raciocínio, Rajagopalan afirma que “Entre outras coisas, tem crescido um extremamente enervante complexo de inferioridade entre muitos falantes e professores não-nativos o que ajudou a espalhar práticas de contrastes injustas e discriminatórias” (RAJAGOPALAN, 2004, p. 114)<sup>21</sup>, tais como as que os alunos assumem e a mídia no Brasil, de modo geral, reforça através das generalizações impostas por pesquisas. Esse complexo viria do desconhecimento da existência do World English, uma língua que pode chegar a ser ridicularizada, especialmente, quando apresenta desvios significativos da língua falada por nativos e tais desvios são perceptíveis aos interlocutores que imprimem a essa percepção preconceitos linguísticos. De acordo com Assis-Peterson e Cox, tais desvios seriam o resultado “das práticas locais que foram realocizadas em inglês” (ASSIS-PETERSON E COX, 2013, p. 157) e que podem ser analisadas em exemplos como o da entrevista do Joel Santana em 2009.

---

<sup>21</sup> No original: “Among other things, it has bred an extremely enervating inferiority complex among many a non-native speaker learner/teacher, and helped spawn unfair and discriminatory hiring practices.”

De acordo com próprio Rajagopalan<sup>22</sup>: “A prontidão para se comunicar uns com os outros é o que importa no final. A linguagem é a consequência da prontidão e da disposição para falar com o outro, e não a condição prévia do mesmo.” (2001 apud RAJAGOPALAN, 2009)<sup>23</sup>. Esse é o objetivo primordial de uma língua e deveria ser lembrado pelos professores para que as pessoas, de modo geral, em nosso país também pudessem entender que há questões mais importantes para a comunicação do que a preocupação em apagar o sotaque ou em escolher um suposto padrão britânico ou americano de inglês para ser perseguido exaustivamente.

Afinal, se ao aprendermos uma língua, mantivermos o objetivo de falarmos como um nativo, seja ele de qual nacionalidade for, seguiremos com a frustração diária de sermos lembrados dos nossos ‘erros’ cometidos por interferência do português ou de acharmos que nada sabemos. Mesmo que tenhamos competências mínimas, os professores seguirão acreditando que falharam, pois não estão conseguindo ensinar a língua ideal que almejam ensinar. E que, por vezes, nem estão certos se a dominam como gostariam.

Reposicionando o inglês, seja como World English, como Inglês Internacional ou como Inglês como Língua Franca, os linguistas estão permitindo ao falante não-nativo preocupar-se menos com as regras, pronúncias e sotaques e mais com a comunicação que deve ser sempre o foco principal de uma língua, seja ela qual for. Sendo esse um primeiro passo para desmistificar a ideia de que nada se sabe sobre uma língua, por mais que a estude por um longo período ou que o inglês que falamos é muito ruim, como apontam as pesquisas no Brasil.

## 5.2 PROFESSORES NÃO-NATIVOS E SUA AUTO-IMAGEM

Considerando que grande parte dos professores de língua inglesa no Brasil não são nativos, é importante analisar a percepção que esses professores têm, não somente do inglês que falam, mas também do que ensinam, e da imagem que gostariam de transmitir aos seus alunos, uma vez que uma língua também está relacionada a conceitos tais como identidade. Afinal, os preconceitos que permeiam a proficiência em inglês atingem não somente os alunos dessa língua, mas também os professores.

---

<sup>22</sup> RAJAGOPALAN, K. The politics of language and the concept of linguistic identity. **Revista de Filologia y su Didáctica**: Madrid, n. 24, p. 17-28, 2001.

<sup>23</sup>No original: “In other words, the readiness to communicate to one another is what matters in the end. Language is consequent upon the readiness and disposition to talk to one another.”

Bernat (2008) reforça que há um ‘sentir-se impostor’ muito comum entre professores de língua inglesa devido a sentimentos tais como de inadequação, inautenticidade pessoal ou fraudulência, autoquestionamento, crenças de baixa auto eficácia e, às vezes, uma generalizada ansiedade. (YATES & CHANDLER<sup>24</sup>, 1998 apud BERNAT, 2008 [p. 2])<sup>25</sup>. Esses sentimentos levam ao que foi denominado ‘síndrome do impostor’. Tal síndrome começou a ser estudada no fim da década de 1970, embora, inicialmente seu objeto de estudo não fossem os professores de inglês, mas as mulheres.

A síndrome do impostor quando relacionada aos professores não-nativos de língua inglesa é tão comum, que através de relatos e conversas informais já seria possível verificar que grande parte, se não todos os professores nessa situação, quando questionados sobre tais sentimentos acabam por reconhecer a existência, ao menos em determinados momentos de suas vidas profissionais de episódios relacionados a eles. Esses sentimentos estão relacionados, de acordo com Bernat (2008)<sup>26</sup>, a algo semelhante a reconhecer-se uma fraude frente a um status de perito em uma língua que não é originalmente a sua.

Tal síndrome acontece devido à falta de informação ou pela dificuldade em desmitificar o inglês falado por não-nativos associado ao inglês falado por nativos, ignorando ideias como a da existência do World English. Essa dificuldade leva à comparação eterna entre o professor não-nativo e o falante nativo, que, em geral, leva os alunos a privilegiarem o professor que tem no inglês a sua língua materna ou, ainda, em alguns casos, privilegia em processos seletivos aquele indivíduo que, em algumas ocasiões, mesmo sem experiência em sala de aula, já viveu em determinado país, e que tenha um sotaque mais semelhante ao dos nativos, por exemplo. Essas comparações ressaltam ainda mais a dificuldade em atingir as expectativas impostas pelo próprio professor e pela sociedade, por mais que haja dedicação por parte do profissional.

Comparações e percepções impostas aos professores de inglês acabam por influenciar a auto percepção desses indivíduos. Não é difícil encontrar bons profissionais que, embora sejam adorados por seus alunos, sintam-se inseguros em reconhecerem-se proficientes na língua, uma

---

<sup>24</sup> YATES, G. C. R.; CHANDLER, M. 1998. Impostor phenomenon in tertiary students. **Australian Association for Educational Research Conference**, Adelaide, Australia, Dec. 1998.

<sup>25</sup> No original: “Impostorhood is characterized by feelings of inadequacy, personal inauthenticity or fraudulence, self-doubt, low self-efficacy beliefs, and sometimes generalized anxiety”

<sup>26</sup>No original: “[...] the ‘NNST Impostorhood’, where the feelings of inauthenticity or fraudulence are not specifically related to high achievement (although they may well be), but are related to feelings of inadequacy in the role of a language teacher or ‘language expert’ of one’s non-native tongue.”

vez que já foram rotulados como professores que possuem “sotaque tupiniquim” ou que reconhecem para a turma que nem sempre sabem resolver dúvidas de vocábulos trazidas por seus alunos.

De acordo com Rajagopalan, “os professores que não são falantes nativos do inglês são tratados como cidadãos de segunda classe no mundo do ensino de língua”<sup>27</sup> e tal concepção surgiu como uma campanha camuflada para empregar falantes nativos em um mercado que é atualmente o mais atraente em relação ao ensino de línguas: o inglês (RAJAGOPALAN, 2005b, p. 283). Tal tratamento tão negativo perderia o sentido com o reconhecimento de que o inglês ensinado para não-nativos não é uma língua estrangeira, mas uma língua franca, reconhecendo a existência do World English.

---

<sup>27</sup> No original: “Non-native speaker teachers (NNSTs) are typically treated as second class citizens in the world of language teaching.”

## 6 METODOLOGIA

Com o objetivo de verificar as ideias apresentadas até o momento neste trabalho, foi elaborado através do Google Docs um questionário online (em anexo) com 21 questões abertas e de múltipla escolha, que foram divididas em nove blocos, sendo que, de acordo com a auto percepção do entrevistado sobre o seu conhecimento em língua inglesa, ele deveria responder sete ou nove blocos do questionário, dois blocos deveriam ser respondidos somente por aqueles que julgavam saber pouco, muito pouco ou nada de inglês.

O link para o questionário foi disponibilizado através da conta pessoal do Facebook da autora deste trabalho, o que revela que a amostragem, além de não ser estatisticamente representativa, pode ser tendenciosa, uma vez que os participantes estariam, de certa forma, “filtrados” por pertencerem aos meus contatos. Tal filtro poderia ser explicado através do conceito de bolha de filtro, que de acordo com Eli Pariser, autor do livro “The Filter Bubble”, seria o universo de informações em que vivemos online, personalizado individualmente pela matriz de filtros personalizados da web.

Dentre os contatos, não houve nenhum outro filtro prévio, sendo assim, todos os meus contatos estariam aptos a participar, desde que possuíssem ou criassem um e-mail do Gmail, que é um pré-requisito do Google Docs. Como única instrução, eles foram informados de que não deveriam utilizar dicionários ou outros instrumentos de consulta.

Foram respondidos 54 questionários entre 20/10/2014 e 27/10/2014 e as respostas dadas pelos participantes constam nos gráficos a seguir, disponibilizadas na mesma ordem em que aparecem no questionário.

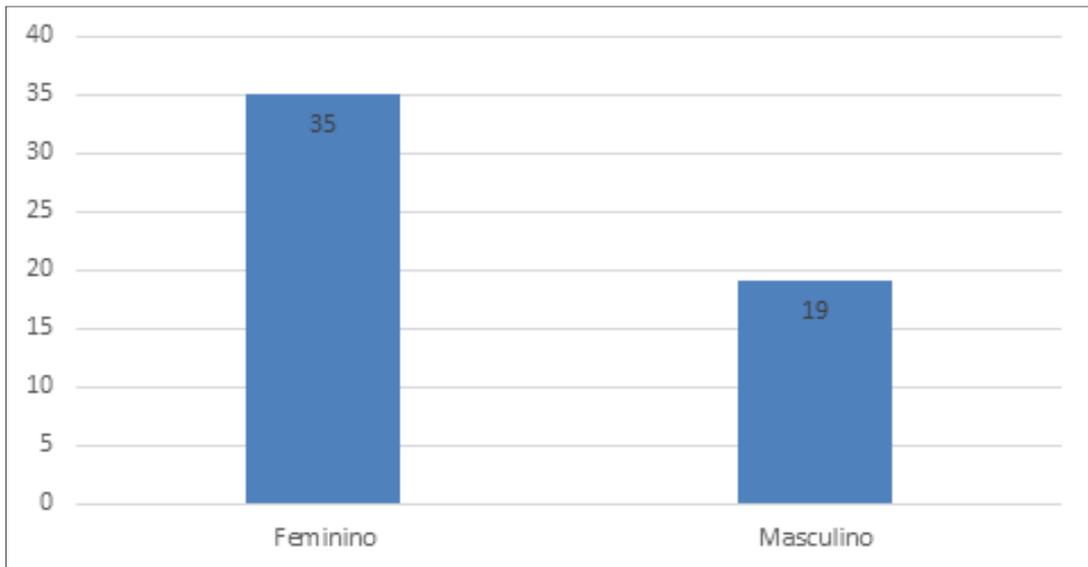
### 6.1 PERFIL

As informações básicas referentes ao sexo, idade e nível de escolaridade dos participantes que responderam ao questionário constam nos três gráficos iniciais e, embora não pareçam influenciar como o entrevistado percebe seus conhecimentos de inglês, serão informadas para conhecimento do perfil daqueles que responderam o questionário.

Tais questões eram obrigatórias e o participante deveria marcar uma das opções disponíveis. Suas informações não serão utilizadas posteriormente por não serem consideradas relevantes em relação às questões seguintes.

**Sexo:**

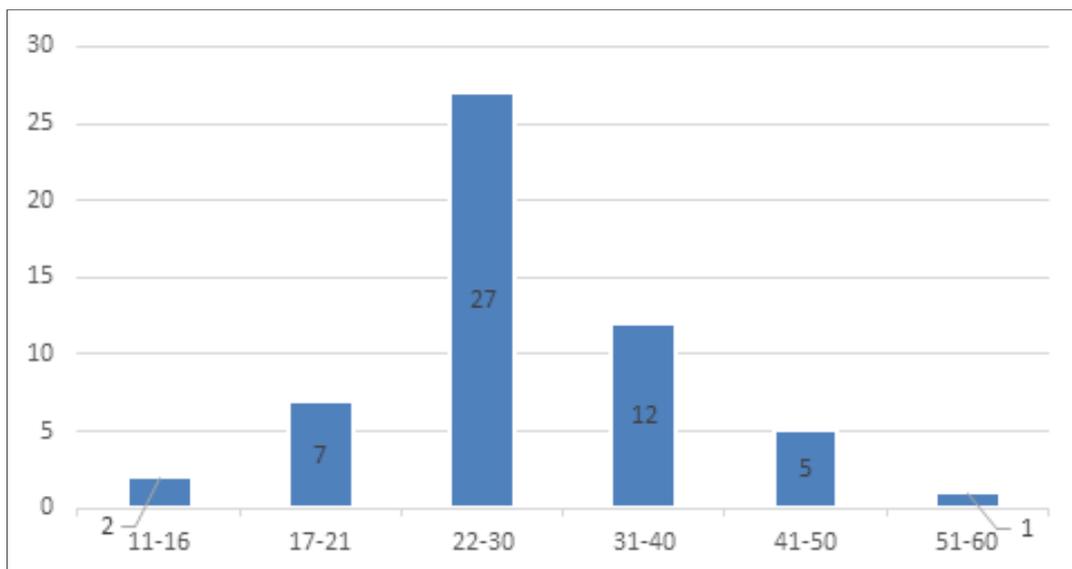
Figura 1 – Identificação dos sexos dos participantes



(fonte: elaborada pela autora)

**Idade:**

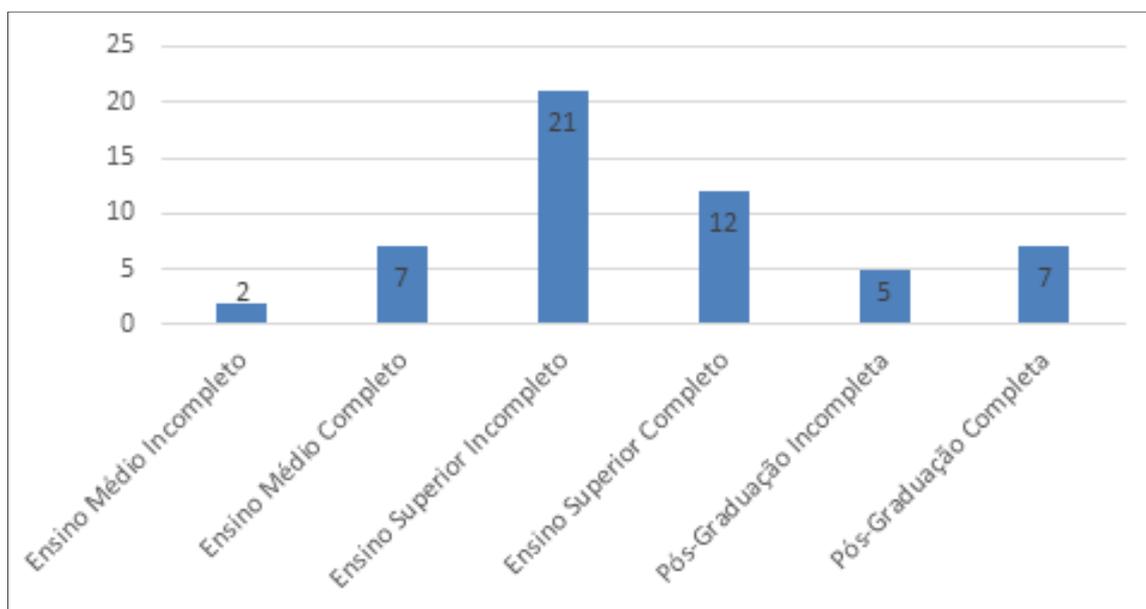
Figura 2 – Identificação da faixa etária dos participantes



(fonte: elaborada pela autora)

**Escolaridade:**

Figura 3 – Identificação da escolaridade dos participantes

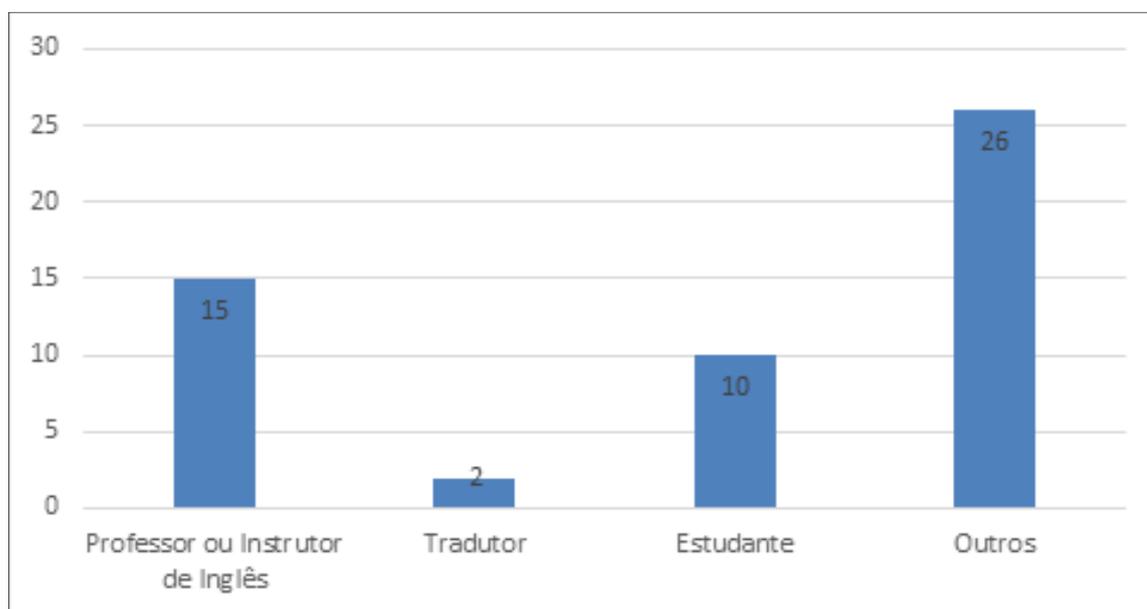


(fonte: elaborada pela autora)

**Ocupação:**

Em relação à ocupação dos participantes, a questão era aberta e obrigatória. De todos os entrevistados, 17 responderam ser professores ou tradutores e terão suas respostas analisadas com o objetivo de avaliarmos se há a possibilidade de verificarmos a presença da síndrome do impostor no que se refere à avaliação que fazem do que sabem de inglês, já que trabalham diretamente com uma língua que não é originalmente a sua, ainda sendo vista como uma língua estrangeira.

Figura 4 – Identificação da ocupação dos participantes



(fonte: elaborada pela autora)

## 7 RESULTADOS

As próximas questões foram divididas em cinco blocos, de acordo com o assunto que abordavam.

O primeiro bloco era de conhecimentos de inglês. O participante deveria informar se já havia estudado inglês e, caso respondesse que sim, deveria informar em duas outras questões de múltipla escolha, em que instituição (podendo marcar mais de uma opção) e por quanto tempo. Esse bloco era obrigatório para todos os participantes.

O segundo bloco era de autoavaliação e contava com duas questões obrigatórias. O participante deveria determinar em uma questão de múltipla escolha como avaliaria a quantidade de inglês que sabia e, em seguida, deveria justificar a sua resposta em uma questão aberta. Caso o entrevistado respondesse que sabia muito ou suficiente, ele não teria acesso ao terceiro e quarto blocos.

O terceiro e quarto blocos foram nomeados análise de texto 1 e 2, pois traziam dois excertos de textos extraídos da Wikipedia. O primeiro texto era em húngaro e o participante deveria responder se identificava o idioma. Em caso afirmativo, deveria informar qual era o idioma e o assunto. O segundo texto era em inglês sobre Nova Iorque e o participante novamente deveria responder se identificava o idioma. Em caso afirmativo, deveria informar qual era o idioma e o assunto, além de responder cinco questões sobre o texto.

O quinto bloco sobre proficiência trazia uma questão aberta e obrigatória para todos os participantes sobre o que seria ser proficiente.

As questões serão analisadas separadamente e as respostas informadas pelos participantes serão relacionadas quando houver um padrão a ser comentado.

## 7.1 CONHECIMENTOS DE INGLÊS E AUTOAVALIAÇÃO

### Você já estudou inglês formalmente?

Sim       Não

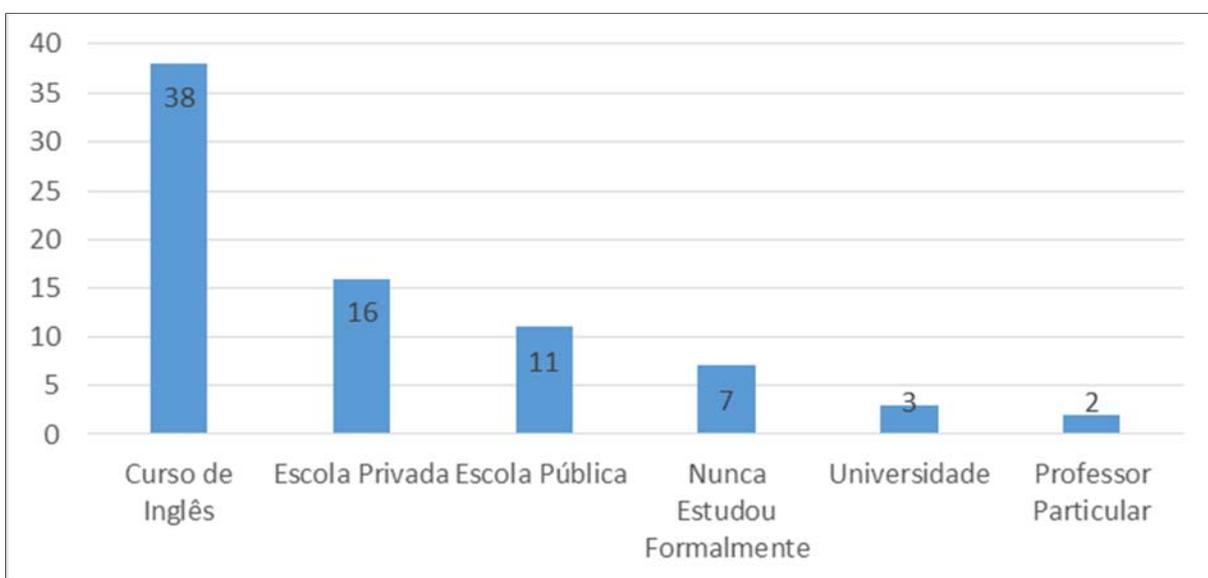
Dos 54 entrevistados, apenas sete informaram nunca terem estudado inglês formalmente.

### Em que instituição?

Escola Pública     Escola Privada     Curso de Inglês     Outros: \_\_\_\_\_

Nessa questão, os participantes poderiam escolher mais de uma alternativa. A grande maioria dos alunos afirmou já ter frequentado aulas em cursos livres. Essa diferença se deve ao fato de muitos alunos do curso onde trabalhei terem respondido ao questionário e ao grande número de profissionais da área do inglês que participaram da pesquisa, como foi possível perceber no gráfico das ocupações.

Figura 5 – Pergunta – Em que tipo de instituição você já estudou inglês formalmente?



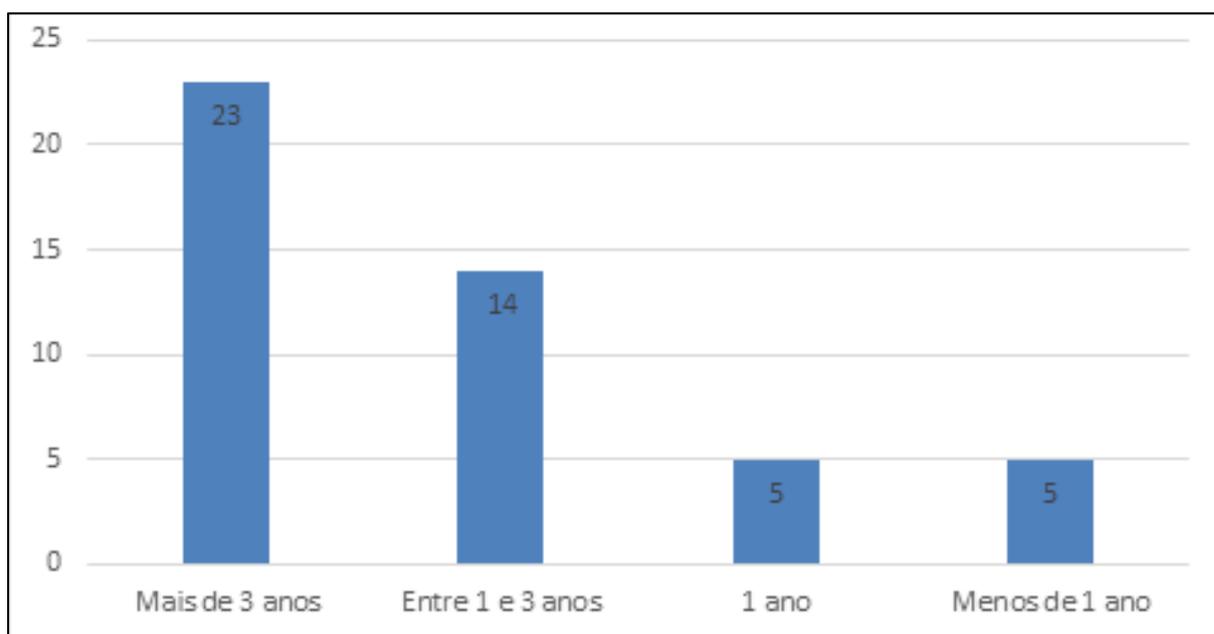
(fonte: elaborada pela autora)

### Por quanto tempo?

Menos de 1 ano       1 ano       Entre 1 e 3 anos       Mais de 3 anos

Dos 47 entrevistados que afirmaram já terem estudado o idioma formalmente a grande maioria estudou por mais de um ano. Esse número se deve ao fato de os alunos, em geral, estudarem por vários anos na escola regular, seja ela privada ou pública, além de muitos dos entrevistados terem feito curso de inglês e serem profissionais da área, o que demanda mais algum tempo de estudo.

Figura 6 – Pergunta – Por quanto tempo você estudou inglês?



(fonte: elaborada pela autora)

### Como você quantificaria a quantidade de inglês que sabe?

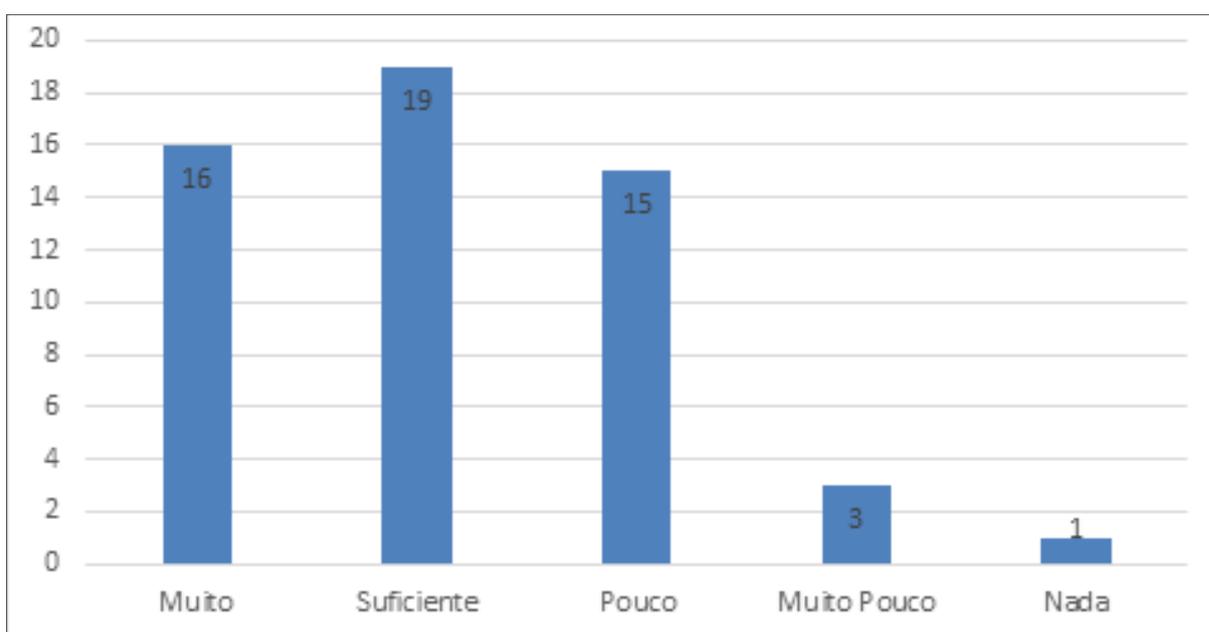
Muito     Suficiente     Pouco     Muito Pouco     Nada

Ao contrário do que era esperado quando o questionário foi concebido, apenas uma entrevistada respondeu que nada sabe de inglês, sendo que ela informou nunca ter estudado a língua. Tal número em um primeiro momento foi surpreendente, mas ao analisarmos as características dos entrevistados, passa a ser esperado que a percepção de conhecimento seja maior que o que se espera em um grupo com menos estudiosos da língua, afinal muitos deles são professores e a

grande maioria fez curso de inglês, o que acarreta, invariavelmente, algum conhecimento, até pelo tempo mencionado de estudo<sup>28</sup>.

Se analisarmos que mais de 85% dos participantes informou ter estudado inglês formalmente, passa a ser surpreendente o fato de que dezoito entrevistados acreditam saber pouco ou muito pouco da língua, enquanto que apenas dezesseis acreditam saber muito.

Figura 7 – Pergunta – Como você quantificaria o inglês que sabe?



(fonte: elaborada pela autora)

## 7.2 ANÁLISE DE DADOS

Mesmo com um resultado inesperado para tal questão, outros pontos foram passíveis de análise, quando comparados com outras respostas e contribuíram para que fosse possível reforçar algumas ideias presentes neste trabalho.

Embora 23 pessoas, aproximadamente 43% dos participantes, tenham informado estudar inglês há mais de três anos, apenas dez delas acreditam saber muito sobre a língua, duas informaram saber pouco e as outras onze acreditam saber o suficiente. No grupo que julga saber muito sobre

<sup>28</sup> Isso se deve a amostragem desta investigação, que se resumiu aos meus contatos na rede social virtual Facebook. Houvesse uma amostragem estratificada por classe social, região e escolaridade sido praticada, provavelmente os resultados seria outros.

o idioma também estão três pessoas que responderam nunca terem estudado formalmente, mas moraram no exterior e os outros três que estudaram por tempo inferior a três anos.

Com base nessas respostas, é possível, concluir que vivência com nativos acaba por gerar uma autoconfiança maior em muitos casos do que tempo de estudo formal. Tal situação pode ser atribuída a dois possíveis fatores: primeiramente, ao fato de que, como não há uma distinção amplamente divulgada entre o inglês falado nos países de língua inglesa e o inglês falado no resto do mundo, muitos estudantes acabam por somente reconhecerem-se falantes de inglês quando falam com nativos e conseguem se comunicar e em segundo lugar, pelo fato de que ao viajar o estudante de uma língua a usa para se comunicar, o que, infelizmente, muitas vezes não acontece ao se estudar a língua teoricamente, independentemente do tempo de estudo..

Das 17 pessoas que trabalham diretamente com o idioma, seja como instrutor, professor ou tradutor, 11 acreditam saber muito, mas quatro acreditam saber o suficiente e duas julgam saber pouco. Tais respostas demonstram a existência, de um certo desconforto em parte dos profissionais em admitir que sabem muito. Esse desconforto poderia ser explicado pela síndrome do impostor (BERNAT, 2008) explicada anteriormente, já que é muito complicado admitir ser perito em uma língua que acreditamos não ser a nossa, quando acreditamos no mito do falante nativo. Parece, nesse caso, haver uma excessiva preocupação com a possibilidade de ser tomado como impostor pelo outro ou, mesmo, por se sentir um. Sendo assim, a crença desses seis participantes parece residir no paradigma de que os falantes nativos são o padrão a ser seguido.

### **Por que você acredita que essa é a quantidade que sabe de inglês?**

Esta era uma pergunta aberta, sem categorias pré-estabelecidas. Houve a repetição de alguns termos nas justificativas dadas pelos entrevistados para a quantidade de inglês que julgavam saber, como por exemplo: comunicação, dedicação, estudo, prática e experiência. O termo mais recorrente foi comunicação, como era de se esperar, visto que uma língua tem – ou deveria ter – como objetivo principal a comunicação.

Um exemplo de uma das respostas dadas pelos participantes envolvendo comunicação foi a seguinte: “Porque consigo me comunicar nas situações que preciso e porque há sempre mais para ser aprendido.”. Esse participante salientou a comunicação, mas colocou o estudo como justificativa por ter respondido suficiente.

Outra ideia bastante recorrente tem relação com a dedicação necessária para aprender uma língua. Geralmente, o fato de não se estudar uma língua por muito tempo ou não ter se dedicado ao estudo é uma das explicações dadas pelos entrevistados para justificar a sua resposta em relação ao pouco que sabem de inglês.

Como exemplo, é possível citar um dos participantes que informou saber muito pouco, embora já tenha estudado inglês em um curso livre. Ele justificou sua resposta da seguinte maneira: “Devido ao fato de eu não ter me dedicado ao idioma.”

Além disso, a necessidade de aprimorar-se também apareceu como uma importante justificativa para aqueles que julgavam ainda não saberem muito.

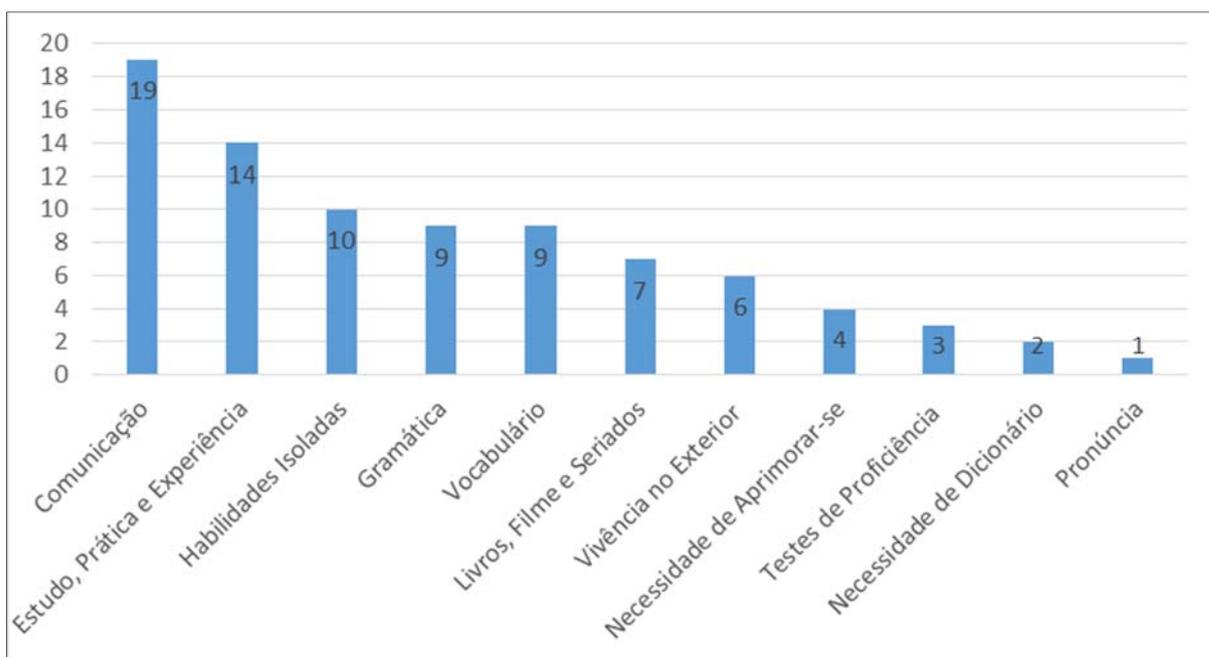
Um dos participantes, por exemplo, informou saber o suficiente, embora tenha estudado inglês por mais de três anos e apontou como justificativa tal necessidade: “Porque ainda tenho o que melhorar em termos de pronúncia e vocabulário.”

Embora a comunicação seja o ponto principal, e o mais citado, é interessante ressaltar que termos como gramática e as quatro habilidades, citadas isoladamente, também foram bastante recorrentes, o que indica que embora se reconheça a comunicação como propósito maior de uma língua, também é possível fragmentá-la, de acordo com as fraquezas e pontos fracos de cada um, por exemplo. Aparentemente, há um embate entre aquilo que se crê e o que se vivencia.

A gramática foi apontada, mesmo por quem justificou saber o suficiente, como por exemplo: “Sei muitas palavras, mas ainda falta um pouco de gramática e de treino.”

Surpreendentemente, vivência no exterior e testes de proficiência foram menos citados do que a capacidade de assistir a filmes em inglês sem legendas ou ler livros em inglês. Esse poderia ser um objetivo para o ensino de inglês nas escolas, por exemplo, tarefas a serem exercidas pelos alunos em sala de aula, pois parecem ser consideradas atividades tão importantes, que foram listadas juntamente com a comunicação, que também não pode ser esquecida.

Figura 8 – Identificação das palavras mencionadas pelos participantes ao comentarem sua percepção sobre o conhecimento que possuem



(fonte: elaborada pela autora)

### 7.3 ANÁLISE DOS TEXTOS: DESMITIFICANDO O INGLÊS

Foram colocados dois textos extraídos da Wikipédia no questionário (em anexo), um em húngaro sobre uma guerra e outro em inglês sobre a cidade de Nova Iorque para que os entrevistados identificassem o idioma e o assunto, além de responderem algumas questões de interpretação do texto em inglês, com perguntas elaboradas em português. As perguntas foram as seguintes:

**De acordo com o texto, Nova Iorque é uma cidade que exerce grande impacto em muitas áreas. Quais são elas?**

**De acordo com o texto, Nova Iorque é a capital do mundo em quais aspectos?**

**De acordo com o texto, Nova Iorque é dividida em 5 distritos. Quais são eles?**

**De acordo com o texto, em que ano os 5 distritos foram consolidados em uma única cidade?**

**De acordo com o texto, quantas línguas, aproximadamente, são faladas em Nova Iorque?**

Conforme o esperado, das 19 pessoas que afirmaram saber nada, muito pouco ou pouco sobre inglês, e que, portanto, deveriam responder a este bloco do questionário, todas conseguiram identificar que o texto era em inglês e abordava a cidade de Nova Iorque como tema central, incluindo a entrevistada que informou que nada sabia de inglês, enquanto apenas uma pessoa identificou que o primeiro texto era húngaro e que o assunto faria referência a alguma guerra<sup>29</sup>. Dentre os 19 entrevistados que responderam a este bloco, cinco não responderam as questões de interpretação. A razão provável para tal ausência de respostas deve-se ao fato de que, por julgarem saber tão pouco, os entrevistados, assim como os alunos dos meus estágios, não acreditavam serem capazes de identificar e responder perguntas relativa a um texto totalmente em inglês. E como não havia alguém para encorajá-los a tentar, preferiram não responder. Os outros 14 entrevistados que buscaram responder as questões, conseguiram fazê-lo de forma correta, com um ou outro detalhe equivocado, mas nada que comprometesse a resposta dada.

Alguns desses entrevistados, de maneira informal, depois de já terem respondido ao questionário, mencionaram que sabiam mais inglês do que imaginavam, pois encontraram certa facilidade em responder as perguntas, mesmo o texto estando completamente em inglês. Tais observações servem para ilustrar a importância de um bom trabalho pedagógico para motivar os alunos e encorajá-los a não temer usar o idioma, mesmo quando não houver um dicionário por perto, pois, por mais que não sejam fluentes na língua, são capazes de executar determinadas tarefas, desde que estas sejam bem elaboradas. Além disso, perder o medo e julgarem-se mais capazes com o idioma irá melhorar sua autoestima e aprimorar o gosto pela língua, o que poderá facilitar a aprendizagem.

## 7.4 PROFICIÊNCIA

### **O que é ser proficiente em uma língua para você?**

Essa era uma pergunta aberta e sem categorias pré-estabelecidas. Ao avaliar a questão em que os entrevistados deveriam responder sobre seu conceito de proficiência, a maioria citou saber falar e ouvir ou ler e escrever como sendo sinônimo de proficiência. Ao comparar com o gráfico anterior, conclui-se que comunicação é o mesmo que ler e escrever ou falar e ouvir para os entrevistados, pois o termo “comunicação” e o termo “expressão” isoladamente apareceram

---

<sup>29</sup> Como o teste foi realizado sem supervisão, esta pessoa que identificou a procedência linguística do texto em húngaro pode ter se utilizado de recursos disponíveis online para tal identificação.

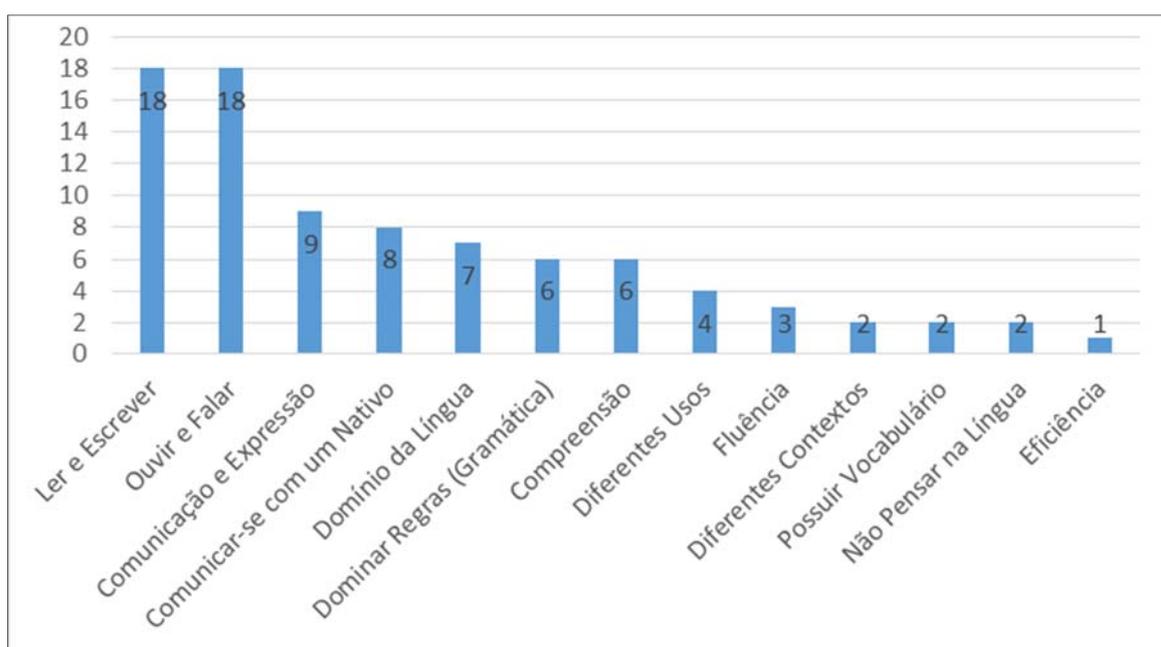
com menor recorrência do que na questão prévia. A ideia de que proficiência é conseguir comunicar-se com um nativo, embora em menor número, também foi um dado interessante, pois uma das generalizações que se faz sobre o idioma, conforme dito anteriormente, é a de que é preciso comunicar-se com um nativo para ter certeza de que se domina um idioma.

Duas das respostas fornecidas que ilustram esses pontos foram as seguintes: “Ter conhecimento da língua, tanto na parte escrita, quanto oral e auditiva.” e “Poder ler e escrever, se comunicar com falantes nativos desta língua sem o menor problema.”.

Infelizmente, dominar regras foi um termo recorrente, tendo sido citado seis vezes, mais do que a ideia de diferentes usos para a língua, que foram citadas quatro vezes, mesmo que quinze dos entrevistados lecionem o idioma e dois sejam tradutores. Tal recorrência demonstra que ainda há uma grande necessidade da desconstrução dos preconceitos por parte dos professores tanto para a existência do World English, quanto para a concepção de que podemos ser proficientes para exercitarmos tarefas específicas, deixando a gramática como meio, não como fim, ao ensinarmos e aprendermos inglês.

Uma das respostas que ilustra tal ponto de vista em relação à gramática foi a seguinte: “Ser proficiente em alguma língua, na minha opinião, é dominar o seu conhecimento diante de regras e exceções.”.

Figura 9 – Pergunta – O que é ser proficiente em uma língua para você?



(fonte: elaborada pela autora)

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que mudanças sejam, de fato, alcançadas no ensino do inglês, é preciso que inicialmente se transforme o ensino do idioma em sua base, na escola regular. Há a necessidade de que se comece por modificar a forma como a concepção de proficiência de uma língua, no caso em questão, do inglês, é vista. O que pode ser um longo processo, mas que precisa ser iniciado.

É preciso que os professores reestabeleçam novos objetivos, não tendo como base uma lista de conteúdos curriculares como, infelizmente, ainda acontece hoje em alguns estabelecimentos de ensino de norte a sul do país, colocando a gramática como objetivo principal de forma descontextualizada e atropelada durante o ano letivo. Colocar em prática a noção de proficiência como apto a realizar coisas com a língua (SCHLATTER E GARCEZ, 2009; CLARK, 2000), começa com um ensino baseado em tarefas que os alunos possam executar para conseguir estabelecer competências mínimas e reconhecerem-se capazes e proficientes em tais atividades.

Além disso, é importante que os alunos sejam encorajados a utilizar aquilo que já sabem, mesmo que intuitivamente sobre a língua, pois tais conhecimentos tendem a contribuir para o aprendizado e dar ainda mais autoconfiança para aqueles alunos que, às vezes, julgam-se incapazes de aprender um novo idioma. As tarefas devem, portanto, demonstrar o quanto eles já sabem e não realçar o que eles ainda precisam aprender. Afinal, os alunos têm conhecimentos sobre o inglês que às vezes são desconhecidos e que se descobertos tendem a tornar mais agradável e fácil o aprendizado da língua.

Outro ponto importante é reconhecer que se comunicar é importante e que essa comunicação não irá acontecer nos parâmetros de um inglês estrangeiro, do inglês falado nos Estados Unidos ou na Inglaterra, mas nos parâmetros de uma língua franca. E que, portanto, perseguir um inglês sem interferências “tupiniquins”, como dizem aqueles que criticam o inglês falado no Brasil, seria utópico, além de extremamente desgastante para o professor e para o aluno. Sendo assim, é importante que haja mais estudos sobre a existência do inglês falado em nosso país, enquanto World English, e que essa variante deixe de ser motivo de risos e comece a ser motivo de orgulho. Afinal, é alguém aprendendo uma nova língua e se comunicando nessa língua, assim como tantos outros pelo mundo. Nesse sentido, é importante, que tais noções sejam mais

difundidas no mundo acadêmico para que certas crenças sobre o inglês possam, ainda que lentamente, ser desmitificadas.

Tal reconhecimento irá aumentar a autoconfiança dos próprios professores que irão reconhecer como desnecessária a busca incessante por um sotaque nativo ou por uma gramática perfeita, acreditando mais em seu potencial como professores de uma língua que, ao contrário do que podem crer em determinado momento, eles dominam, sim, pois, de acordo com a perspectiva do World English, é uma língua que não é nativa de ninguém. Tais noções irão, além de aumentar a confiança, possibilitar que o professor possa encarar a língua de outra forma e que isso, conseqüentemente, aconteça também com seus alunos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS-PETERSON, A. A. de; COX, M. I. P., Standard English & World English: entre o siso e o riso. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 11, n. 2, p. 153-166, maio/ago., 2013. Disponível em: <<http://revistas.unisinus.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2013.112.05/1938>>. Acesso em: 10 out. 2014.
- BERNAT, E. Towards a pedagogy of empowerment: the case of ‘impostor syndrome’ among pre-service non-native speaker teachers. **English Language Teacher Education and Development**, Warwick, v.11, p.1-8, 2008. Disponível em: <<http://www.elted.net/issues/volume-11/1%20Bernat.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2014.
- BROWN, H. D. **Teaching by Principles: an Interactive Approach to Language Pedagogy**. 2<sup>nd</sup> ed. New York: Longman, 2000.
- CLARK, Herbert H. **O uso da linguagem**. In: Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n. 9, p. 47-71, 2000.
- JORDÃO, C.M. ILA – ILF – ILE – ILG: Quem dá conta? **RBLA**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 13-40, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v14n1/a02v14n1.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2014.
- MARTINS, T. H. B. **Análise e Validação de um teste de classificação em inglês: um estudo de caso em cursos superiores de tecnologia**. 2013. 270 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-28062013-162731/pt-br.php>>. Acesso em: 10 out. 2014.
- RAJAGOPALAN, K. The Concept of ‘World English’ and its Implications for ELT. **ELT Journal**, Oxford, vol. 58, n. 2. p. 111-117, April 2004. Disponível em: <<http://www.finchpark.com/courses/grad-dissert/articles/methodology/World-English.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2014.
- RAJAGOPALAN, K. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil. In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. (Org.) **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005a.
- RAJAGOPALAN, K. Non-Native Speaker Teachers of English and their anxieties: Ingredients for an experiment in action research. In LLURDA, E. (Ed.). **Non-Native Language Teachers: Perceptions, Challenges and Contributions to the Profession**. New York, NY: Springer, 2005b. p. 283-303. Disponível em: <[http://link.springer.com/chapter/10.1007%2F0-387-24565-0\\_15#page-1](http://link.springer.com/chapter/10.1007%2F0-387-24565-0_15#page-1)>. Acesso em: 1 ago. 2014.
- RAJAGOPALAN, K. Exposing young children to English as a foreign language: the emerging role of world English. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. vol. 48, n. 2. p. 185-196, julho-dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v48n2/02.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2014
- RAJAGOPALAN, K. Prospects for language studies in our era of globalization. **Selected Papers**, In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON THEORETICAL & APPLIED

LINGUISTICS, 19th, 2009, Thessaloniki. **Proceedings...** Thessaloniki: ISTAL, 2009. p. 43-49. Disponível em: <[http://www.enl.auth.gr/symposium19/19thpapers/004\\_Rajagopalan.pdf](http://www.enl.auth.gr/symposium19/19thpapers/004_Rajagopalan.pdf)>. Acesso em: 2 ago. 2014.

SCARAMUCCI, M. V. R. Proficiência em LE: considerações terminológicas e conceituais. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, Campinas, v. 36, p. 11-22, jul.-dez. de 2000. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/tla/article/view/2500/1921>>. Acesso em: 16 ago. de 2013.

SCHLATTER, M.; GARCEZ, Pedro M. Línguas adicionais (espanhol e inglês). **Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Porto Alegre: SE/DP, 2009, v. 1, p. 127-172. <[http://www.educacao.rs.gov.br/dados/refer\\_curric\\_voll1.pdf](http://www.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_voll1.pdf)>. Acesso em: 11 ago. 2014

SCHOFFEN, J. R. **Gêneros do discurso e parâmetros de avaliação de proficiência em português como língua estrangeira no exame Celpe-Bras**. 2009. 192f. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16900/000707617.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 25 ago. 2014.

## **APÊNDICE: Questionário**

Figura A1 – Questionário de aquisição de dados

# Proficiência em Inglês

\*Obrigatório

## 1. Sexo: \*

- Feminino
- Masculino

## 2. Idade: \*

- 11-16
- 17-21
- 22-30
- 31-40
- 41-50
- 51-60
- Acima de 60

## 3. Escolaridade: \*

- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Pós-Graduação Incompleta
- Pós-Graduação Completa

## 4. Ocupação \*

Continuar »

14% concluído

continua

continuação

## Conhecimentos de Inglês

5. a) Você já estudou inglês formalmente? \*

- Sim  
 Não

« Voltar

Continuar »



5. b) Em que instituição? \*

- Escola Pública  
 Escola Privada  
 Curso de Inglês

Outro:

5. c) Por quanto tempo? \*

- Menos de um ano  
 1 ano  
 Entre 1 e 3 anos  
 Mais de 3 anos

« Voltar

Continuar »



## Autoavaliação

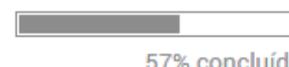
6. a) Como você quantificaria a quantidade de inglês que sabe? \*

- Muito  
 Suficiente  
 Pouco  
 Muito Pouco  
 Nada

6. b) Por que você acredita que essa é a quantidade que sabe de inglês? \*

« Voltar

Continuar »



continua

continuação

## Análise de Texto 1

**7. a) Analisando o trecho abaixo, retirado da Wikipédia, você é capaz de identificar em que idioma ele está escrito? \***

A mohácsi csata vagy mohácsi vész (törökül: Mohaç savaşı vagy Mohaç meydan savaşı) 1526. augusztus 29-én zajlott le a Magyar Királyság és az Oszmán Birodalom hadai között, magyar vereséggel. A Mohács határában megívott csatát a későbbi történetírásunk úgy emlegette, mint „nemzeti nagylétünk nagy temetőjét”. Valószínűleg a mohácsi csata a magyar hadtörténelem legtöbbet emlegetett ütközete.

- Sim  
 Não

**7. b) Em caso afirmativo, qual é o idioma do texto?**

**7. c) E qual é o assunto do texto?**

« Voltar

Continuar »

 71% concluído

## Análise de Texto 2

**8. a) Analisando o trecho abaixo, também retirado da Wikipédia, você é capaz de identificar em que idioma ele está escrito? (Sem utilizar nenhum tipo de dicionário!) \***

New York – referred to as New York City or the City of New York to distinguish it from the State of New York, of which it is a part – is the most populous city in the United States and the center of the New York metropolitan area, the premier gateway for legal immigration to the United States and one of the most populous urban agglomerations in the world. A global power city, New York exerts a significant impact upon commerce, finance, media, art, fashion, research, technology, education, and entertainment. Home to the headquarters of the United Nations, New York is an important center for international diplomacy and has been described as the cultural and financial capital of the world. On one of the world's largest natural harbors, New York City consists of five boroughs, each of which is a county of New York State. The five boroughs – the Bronx, Brooklyn, Manhattan, Queens, and Staten Island – were consolidated into a single city in 1898. With a census-estimated 2013 population of 8,405,837 distributed over a land area of just 305 square miles (790 km<sup>2</sup>), New York is the most densely populated major city in the United States. As many as 800 languages are spoken in New York, making it the most linguistically diverse city in the world.

- Sim  
 Não

**8. b) Em caso afirmativo, qual é o idioma do texto?**

**8. c) E qual é o assunto do texto?**

continua

continuação

**8. d) De acordo com o texto, Nova Iorque é uma cidade que exerce grande impacto em muitas áreas. Quais são elas?**

**8. e) De acordo com o texto, Nova Iorque é a capital do mundo em quais aspectos?**

**8. f) De acordo com o texto, Nova Iorque é dividida em 5 distritos. Quais são eles?**

**8. g) De acordo com o texto, em que ano os 5 distritos foram consolidados em uma única cidade?**

**8. h) De acordo com o texto, quantas línguas, aproximadamente, são faladas em Nova Iorque?**

« Voltar

Continuar »



85% concluído

continua

continuação

## Proficiência

9. O que é ser proficiente em uma língua para você? \*

« Voltar

Enviar

*Nunca envie senhas em Formulários Google.*

100% concluído.

(fonte: elaborada pela autora)